

Desconhecimento sobre sacola oxidegradável causará dano ambiental

FRANCISCO DE ASSIS ESMERALDO

As leis que obrigam o comércio a substituir sacolinhas plásticas por sacolas supostamente biodegradáveis contêm um grave equívoco. No imaginário popular, estas embalagens, quando descartadas, desapareceriam sem causar danos ambientais, o que não é verdade.

Esses plásticos não são biodegradáveis. Eles são meramente oxidegradáveis ou fragmentáveis. Recebem um aditivo que acelera seu processo de degradação. Contudo, não se biodegradam, porque não se decompõem em até seis meses, como prescrevem as Normas técnicas nacionais e internacionais para que ocorra a biodegradação.

Os plásticos oxidegradáveis, quando começam a se degradar, dividem-se em milhares de pedacinhos. No fim do processo não vão desaparecer, e sim virar um pó que facilmente irá parar nos córregos, rios, represas, lagos e mares. Isso significa que nossa geração poderá beber involuntariamente plástico oxidegradável misturado à água! E mais: os fragmentos poderão ser ingeridos por animais silvestres, criações nas fazendas, pássaros e peixes, causando sérios danos econômicos e ambientais, com consequências imprevisíveis.

Tal fato foi amplamente comprovado por universidades e centros de pesquisa como Cetea (Centro de Tecnologia de Alimentos) da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), Ulbra (Universidade Luterana do Brasil), Univille (Universidade de Joinville, Santa Catarina), Universidades de Michigan e da Califórnia nos Estados Unidos, dentre vários outros institutos acadêmicos.

Em Guarulhos, por exemplo, uma lei obriga o comércio a adotar essas sacolas degradáveis. Para aferir o impacto da medida no meio ambiente, o IBOPE Inteligência entrevistou uma mostra qualificada de 602 mulheres daquele município, responsáveis pelas compras de seus domicílios.

A pesquisa revelou um elevado grau de consciência sobre a necessidade de preservação ambiental. 100% das entrevistadas reutilizam as sacolas plásticas para acondicionar o lixo doméstico: 73% utilizam as sacolinhas de supermercado e 26% adquirem os sacos plásticos comercializados para essa finalidade.

As entrevistadas reutilizam, em média, 3 sacolas plásticas por dia. E 69% delas as consideram como sendo as embalagens ideais para carregar as compras do supermercado para casa.

Entretanto, a grande maioria das entrevistadas revelou alto grau de desconhecimento em relação ao significado da palavra “biodegradável”. Apesar das campanhas de informação da prefeitura, 65% responderam que não sabem o que significa e 5% relataram sentidos equivocados (“que emite gases tóxicos”, “que demora para se decompor”).

O desconhecimento foi ainda maior quando indagadas sobre a principal diferença entre um produto biodegradável e um degradável: 84% responderam que não sabiam e 2% deram respostas incorretas (“degradável não agride o meio ambiente e o degradável agride”, “degradável se decompõe mais rápido e o biodegradável demora”).

Confrontadas com o conceito correto de biodegradável –todo material que em contato com o meio ambiente se decompõe em até 6 meses – 81% admitiram que não o conheciam.

O risco de dano ambiental por desconhecimento aumenta ainda mais quando 60% delas afirmam acreditar que o uso de sacola biodegradável contribuirá para o aumento de lixo na cidade, o que revela uma estranha associação entre biodegradabilidade e resíduos. Das entrevistadas, 64% acreditam que essas embalagens não poderiam acondicionar produtos congelados, gelados e úmidos, nem frutas (60%) ou legumes (56%), quando na verdade a embalagem plástica é a melhor para carregar e conservar todos esses produtos.

Curiosamente, 82% responderam que a sacola biodegradável deve ser depositada somente em coleta seletiva de lixo e apenas 12% disseram que ela “desaparece” após ser descartada na natureza. Na verdade, o procedimento correto é que as sacolas biodegradáveis devem ser direcionadas à compostagem, e esta ainda é inexistente no Brasil.

Diante do evidente risco de dano ambiental que a utilização das sacolas degradáveis traz, o que o município de Guarulhos deveria fazer é mudar a legislação e estimular a população a praticar os 3 R's: Reduzir o número de sacolas para transportar compras, Reutilizá-las dando-lhes uma infinidade de novos usos e Reciclá-las depois de sua vida útil. O Poder Público pode ajudar, implementando a coleta seletiva municipal dos resíduos urbanos e estimulando as pessoas a separarem o lixo orgânico do reciclável dentro de suas casas.

Todas as prefeituras também poderiam parar de jogar milhões de reais no lixo se, em vez de fazer aterros sanitários, construíssem usinas de Reciclagem Energética para gerar energia térmica (para as indústrias) e eletricidade (para residências) com tecnologia limpa. As sacolinhas plásticas que embalam o lixo servem de combustível no processamento, economizando óleo diesel ou outros derivados do petróleo. Isso é possível devido ao elevado conteúdo energético dos plásticos, pois 1kg de plástico produz a mesma energia de 1,0kg de óleo diesel. Em síntese: plástico é energia, portanto, não desperdice!

Francisco de Assis Esmeraldo é engº químico, presidente da Plastivida Instituto Sócio-Ambiental dos Plásticos, membro do Conselho Superior de Meio Ambiente da FIESP, do Conselho Empresarial de Meio Ambiente da FIRJAN (RJ) e do Conselho Executivo da Associação Brasileira de Embalagens (ABRE).